

UM MECANISMO DE PROPAGAÇÃO DA RACIONALIDADE NEOLIBERAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Neide César Vargas (UFES)
neide.vargas@ufes.br

INTRODUÇÃO

O neoliberalismo, além de se tratar de uma ideologia, de um tipo específico de política econômica, de uma fase do capitalismo, na qual se manifestam os fenômenos da financeirização e da dominância do capital fictício, envolve também uma racionalidade específica, conforme destacam Dardot e Laval (2016). Tal racionalidade “tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados” (p. 17). Essa racionalidade tem como particularidade a dissolução da segmentação prévia de diferentes esferas da existência e seus distintos valores e lógicas. Os valores do mercado e da esfera econômica propagam-se e enraízam-se nas demais esferas, tais como a política, a religião, a ciência e mesmo a educação, e, além disso, moldam também os sujeitos (DARDOT E LAVAL, 2016).

Torna-se importante desvendar, em níveis mais concretos, os mecanismos específicos que tem contribuído para inserir essa governamentalidade¹ neoliberal nas diferentes esferas da existência humana, propagando e introduzindo, no comportamento do sujeito, os valores da concorrência e o *modus operandi* da empresa privada. Certas instituições, em particular, têm contribuído para fazer avançar a racionalidade neoliberal no Brasil, atuando especialmente na propagação da concepção liberal de Estado e de desmonte das políticas sociais universais. Tratam-se dos *think tanks*² liberais, no caso brasileiro, com raízes internas junto ao empresariado nacional e com nexos internacionais, intensificando-se a sua atuação especialmente a partir da crise financeira de 2008. Desde aquele ano e até 2014 o total de *think tanks* no Brasil dobrou (de 39 para 82), atingindo, em 2019, 103 organizações, segundo o *Global To Go Think Tanks Index Report*, publicado pela Universidade da Pensilvânia.

Este estudo tem como objeto específico cinco organizações liberais que influenciaram a pauta da educação junto ao governo e à sociedade brasileira entre 2007 e 2018. Elas se notabilizam por envolver, de forma mais intensa, jovens, tanto na sua composição

¹ Termo cunhado por Foucault (1997) e apropriado por Dardot e Laval (2016) para qualificar a racionalidade neoliberal.

² *Think tanks* são “instituições permanentes de pesquisa e análise de políticas públicas que atuam a partir da sociedade civil, procurando informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas”(p. 262) (ROCHA, C. .Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. pp. 261-278).

quanto no que tange ao segmento para o qual estão voltadas. São elas o Instituto von Mises (2007), o Instituto Rothbard (2016), o Estudantes pela Liberdade (EPL - 2012), o Students for Liberty Brasil (SFL Brasil - 2016) e o Movimento Brasil Livre (MBL). Essas organizações, mesmo com suas peculiaridades, tem um alinhamento ideológico a autores neoliberais (Hayek e Friedman) bem como libertários (Mises e Rothbard), sendo o primeiro e os dois últimos pertencentes à chamada Escola Austríaca de Economia. O objetivo é identificar a visão de educação dessas organizações e os meios que utilizam para propagá-la, contribuindo para conformar socialmente a racionalidade neoliberal na educação no país. Nessa identificação busca-se particularmente responder ao problema da afinidade dessa visão com as propostas de políticas educacionais do Governo Bolsonaro: Educação Domiciliar (ED), programa Escola sem partido e as escolas cívico-militares.

METODOLOGIA

A metodologia envolve levantamentos nos sites dessas instituições bem como estatísticas do *Global To Go Think Tanks Index Report* (2008-2019). Também se utiliza bibliografia que permite relacionar essas organizações e a Educação, tais como Rocha (2018), Gobbi (2016), Oliveira e Barbosa (2017), Rothbard (2013) e Salles (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As organizações previamente citadas refletem a ação política de uma nova geração de ativistas de direita no Brasil, gradualmente organizada em novas instituições de cunho liberal, que dinamizaram e têm sido respaldadas pelas organizações liberais empresariais pré-existentes, instituídas desde os anos 1980³. Elas fazem parte de um movimento mais geral da direita brasileira, de cunho ultraliberal e conservador, que elegeu Bolsonaro em 2018 (ROCHA, 2018). Une a todos a demonização do Estado e o combate a políticas de promoção de direitos. Essas organizações replicam os segmentos extremistas da direita estadunidense, dentre os quais destacamos: liberais da escola de Chicago, anarcocapitalistas, minarquistas, libertários, objetivistas e liberais conservadores de diferentes naipes.

Na educação abraçam especialmente as concepções de Rothbard, Mises, Hayek, além de Friedman, os quais a consideram uma atividade parental ou uma mercadoria/serviço que cabe ao mercado prover, sob o critério de escolha dos pais. Elas identificam o ensino obrigatório e os sistemas públicos de educação como instrumentos de

³ Sobre a rede de organizações empresariais liberais, montadas no país desde os anos 1980, ver Casimiro (2018). Sobre a Nova Direita no Brasil que elegeu Bolsonaro ver Rocha (2018).

doutrinação política que sustentam um Estado forte e intervencionista sendo a educação pública um mero mecanismo de fortalecimento do Estado. Mises e Hothbard chegam a negar totalmente o financiamento público e a atuação pública na educação, com esse último indicando que a saída mais adequada é o ED e nenhuma regulação estatal. Para Hothbard imposto é roubo e o Estado é uma organização criminosa. Hayek e Friedman, que se aproximam das ideias geralmente denominadas de neoliberais, admitem o uso de recursos públicos para financiar a educação elementar, mas advogam que ele deve ser transferido para as mãos dos pais (vouchers) de forma que eles mesmos decidam em que escola usar (OLIVEIRA; BARBOSA, 2017); (HOTHBARD, 2013); (MISES, 2010); (CELETI, 2011).

A ideia de doutrinação nas escolas públicas é, portanto, constituinte da abordagem da Escola Austríaca, o que tende a levar a todas essas organizações a defenderem as propostas de ED e de Escola sem Partido⁴. Salles comprova que a base teórica para a proposta de Escola sem Partido vem dessa Escola (SALLES, 2017, p. 5). Orientados pela visão de Educação desses autores as cinco organizações liberais propagam as mesmas num linguajar simplificado. O Instituto von Mises traduz e divulga bibliografias e vídeos da Escola Austríaca, promove eventos e responde por um curso de pós-graduação nessa temática. Seu evento anual ocorre, desde 2010, na forma de seminários e, a partir de 2015, de conferências, com apoio da Universidade Mackenzie. Em meio a uma variedade de artigos que publica em seu site encontram-se doze sobre educação, todos eles coerentes com a perspectiva da Escola Austríaca.

O Instituto Hothbard assenta a sua perspectiva especialmente nesse autor, questionando o ensino obrigatório e o viés doutrinador do Estado, sendo defensor do ED e crítico da escola pública. Celeti, colaborador do instituto, defende a educação não obrigatória “existente voluntariamente na sociedade” e a completa desregulamentação estatal da atividade de forma que “a educação esteja ausente de qualquer projeto constitucional ou legal para que tal educação possa existir” (CELETI, 2011, p 48). Os treze artigos publicados no blog do instituto sobre educação são coerentes com essa visão.

O Estudantes pela Liberdade (EPL) teve sua influência notadamente no recrutamento e formação de lideranças universitárias, tendo as suas origens em segmentos de direita do movimento estudantil, que se articularam e se elegeram com bandeiras liberais para os diretórios centrais de importantes federais a partir de 2011 (GOBBI, 2016, p 11).

⁴ Sobre o ED e a Escola sem partido ver Flach, S. e Darcoletto (2019).

Funcionaram como uma organização articuladora da direita jovem no país nos seus diferentes matizes (GOBBI, 2016, p. 47). Manteve um projeto denominado Lideranças Nas Escolas, voltado para formação de líderes no ensino fundamental e médio. Recebeu, no momento de sua consolidação, apoio do Students For Liberty (SFL), que remunerava três de seus líderes. Apesar disso manteve relativa autonomia frente a esta instituição, mas sempre com contatos estreitos junto a outros think tanks nacionais (especialmente o Instituto Milenium e o IEE-RS) e internacionais (especialmente Cato Institute e Atlas Network) (GOBBI, 2016). Organizou anualmente uma Conferência nacional entre 2012-2015, sendo que na primeira discutiu a ED. Na atualidade perdeu fôlego e espaço para o SFL Brasil, ligado ao SFL. O SFL Brasil tem liderança distinta do EPL mas o mesmo perfil de colaboradores e participantes, realizando um evento anual denominado Libertycon.

O Movimento Brasil Livre (MBL) surgiu de um desdobramento do EPL, tendo natureza distinta, voltada para o ativismo político e para a disseminação junto ao grande público das concepções liberais (MARTINS, M., 2018). Gobbi destaca que o MBL notabilizou-se como um movimento político de massas voltado para disseminar o liberalismo (GOBBI, 2016, p 76). Inicialmente o MBL declarava-se apartidário mas, a partir do *impeachment*, passou a se articular com os partidos de direita, lançando candidatos nas eleições de 2016⁵ e de 2018⁶. Dentre as propostas do MBL para a educação, aprovadas no seu congresso, em 2015, inclui-se a legalização do *homeschooling*, o Programa “Escola sem Partido”, a militarização de escolas em áreas de alto risco, por serem locais inadequados para a atuação da iniciativa privada, além de outras propostas pró-mercado⁷. Observe-se que essa última organização é a que explicitamente defende a militarização das escolas, para ela a forma de educar em áreas violentas em que não há interesse privado, alinhando-se com um dos pontos geralmente utilizados para a defesa desse tipo de iniciativa, conforme se vê em Mendonça (2020).

CONCLUSÕES

As formas de manifestação da racionalidade neoliberal na educação estão sofrendo aprofundamento, diversificação e maior propagação. Um de seus mecanismos são organizações liberais, que se articulam a redes de *think tanks* nacional e internacional,

⁵ Elegeu, em 2016, um prefeito e sete vereadores em sete cidades diferentes, com destaque para Ramiro Rosário (Porto Alegre) e Fernando Holiday (SP).

⁶ No Senado elegeu, em 2018, Marcos Rogério (DEM/RO) e Eduardo Girão (Pros/CE). Na Câmara, Kim Kataguirí (DEM/SP), Zé Mario (DEM/GO), Jerônimo Goergen (PP/RS), Sóstenes Cavalcante (DEM/RJ)

⁷ Detalhadas em: <https://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf>

que implícita ou explicitamente sustentam as propostas de ED, escola sem partido e escolas cívico militares (neste último caso só o MBL). Os artigos que publicam e seu posicionamento político é coerente com a concepção da Escola Austríaca. Sua atuação atinge especialmente jovens e adolescentes, formando direta e indiretamente exércitos de defensores do ultraliberalismo e de sua anti-visão de educação.

REFERÊNCIAS

CASIMIRO, F. H. C.. **A nova direita:** aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. S.P.: Expressão Popular, 2018.

CELETI, F. R.. **Educação não obrigatória:** uma discussão sobre o Estado e o mercado. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaios sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. S.P.: Boitempo, 2016.

FLACH, S.; DARCOLETO, C. O direito à educação em risco: a influência dos “sem partido” e dos “sem escola” na legislação educacional brasileira. **Revista de Políticas Públicas**, v. 23, n. 2, p. 605–620, 2019. Disponível em:

<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/13076/7197>. Acesso em 30 jul. 2020.

FOUCAULT, M.. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. R.J: Jorge Zahar, 1997.

GOBBI, D.. **Identidade em ambiente virtual:** uma análise da Rede Estudantes Pela Liberdade. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2016.

MARTINS, M. F.. Educação, cidadania regressiva e movimentos sociais regressivos: o MBL em questão. **Crítica Educativa**, v. 4, n. 2, p. 41–68, 2018. Disponível em:

<https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/364>. Acesso em: 16 jul. 2020.

MENDONÇA, E. F. de. Escolas cívico-militares: cidadão ou soldadinhos de chumbo? **Retratos da Escola**, v. 13, n. 27, p. 621, 2020. Disponível em:

<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1039>. Acesso em: 31 ago. 2020.

MISES, Ludwig Von. **Ação Humana:** um tratado de economia. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010. Disponível em: <http://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/acao-humana.pdf>. Acesso em 18 jun. 2020.

OLIVEIRA, R. L. P. de; BARBOSA, L. M. R.. O neoliberalismo como um dos fundamentos da educação domiciliar. **Pro-posições**, v. 2, n. 83, p. 193–212, 2017.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v28n2/0103-7307-pp-28-2-0193.pdf>. Acesso em 10 mai. 2020.

ROCHA, C.. **“Menos Marx, mais Mises”:** uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Universidade Estadual de São Paulo, S.P., 2018. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018_CamilaRocha_VOrig.pdf. Acesso em: 19 jun. 2020.

ROTHBARD, Murray. **Educação:** livre e obrigatória. S.P.: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013.

SALLES, D. da C.. As bases do conceito de “doutrinação ideológica” do Movimento Escola Sem Partido na obra de Nelson Lehmann da Silva. *In: XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília: [s.n.], 2017. Disponível em:

https://professorescontraoescolasepartido.files.wordpress.com/2016/07/artigo_anpuh-2017.pdf. Acesso em: 19 jun. 2020.